

219-Guarulhos aos domingos nos anos 40

Ao domingos levantava as 8h, tomava café e punha o meu terno e sapatos de missa. O terno era de calça curta e tinha gravata. Não tinha relógio. Era bonito ver a alegria da minha mãe me vendo bem vestido para ir à missa, pois, ela era uma católica fervorosa, como se dizia antigamente.

Saia de casa da rua João Gonçalves, 12 anexa à Padaria Barão que era do meu pai. Descia uns 100 metros na rua e virava a direita e lá estava a rua D. Pedro II. A mais ou menos uns 100m começa a feira de domingo.

A rua D. Pedro II era de terra. Era muito bonito ver a feira, pois, lá estavam as novidades para serem vendidas: brinquedos, aves novas etc. Ia subindo até chegar a Praça Tereza Cristina onde ficava o cine República. Na frente do único cinema de Guarulhos, colocavam nos dias de chuva uma grade inclinada de madeira, para as pessoas não sujarem o piso quando iam ver as propagandas dos filmes que ficavam expostas do lado de dentro do cinema.

Chegava assim até o coreto em frente a igreja e depois entrava para assistir a missa das 9h.

Sentava nas primeiras cadeiras do lado esquerdo, pois, as meninas se sentavam no lado direito. Todos os meninos levavam o livro de catecismo onde estavam os 10 mandamentos, o pai nosso, credo, salve rainha, ave maria e outros cânticos que tínhamos que decorar.

A bíblia era para ter em casa e não ler, pois, o intermediário entre nós e Deus era os padres.

Dentro da igreja éramos proibidos de pôr a mão no bolso e dobrar as pernas. Era pecado nos diziam.

No lado direito junto ao corredor sempre estava um freira que tinha na mão uma espécie de caixa de óculos. Ela comandava a ora de levantar, sentar e ajoelhar fazendo um barulho. Também nunca entendi porque tinha que levantar, sentar e ajoelhar, pois, preferia ficar sentado tranquilamente.

O padre rezava a missa em latim e ninguém entendia nada. Geralmente o sermão que o padre fazia era de um espanhol misturado ao

português em que entendia muito pouco. O coroinha era sempre um menino filho de família rica e todos ficávamos com muita inveja e dávamos apelido ao mesmo. Lembro que um deles nós chamávamos de Bugio e até hoje não sei o nome dele.

A gente não via a hora de terminar a missa que durava uma hora.

As minhas irmãs nunca foram à missa comigo e diziam que gostavam de ir na missa das 10h. Só que elas desciam uma rua bem íngreme até chegar ao córrego dos Cavalos e lá ficavam uma hora molhando os pés nas águas límpidas. Conta a história de Guarulhos que o córrego dos Cavalos também tinha outro nome, córrego dos Lava-pés, pois, as pessoas vinham descalças para não estragar os sapatos e quando chegavam ao córrego de águas limpas, lavavam os pés, punham o sapato e subiam a rampa para ir a igreja. Minha mãe morreu e nunca soube que suas filhinhas queridas nunca foram à missa de domingo.

Ao término da missa íamos correndo ao coreto para brincar e depois voltávamos a feira, que era sem dúvida o nosso maior divertimento. Brincava também no coreto quando ia visitar minha avô que morava em uma ruazinha ao lado direito da igreja.

Na hora do almoço aos domingos era o melhor da semana, De modo geral comíamos uma macarronada e frango. Quando comia frango o meu pai escolhia a parte que ele queria e depois minha mãe distribuía o resto para ela, para mim e minha duas irmãs. O nosso fogão era a lenha e não tínhamos geladeira que logo apareceram nas casas.

Na parte da tarde a partir das 14h até as 18h era o dia do cinema. Passavam dois filmes, um desenho, uma reportagem cinematográfica chata e um seriado bom. Quase todos os filmes eram branco e preto.

Quando você saía do lugar onde estava sentado e ia ao banheiro no intervalo, tinha que deixar o lenço na cadeira para ninguém tomar o seu lugar. As cadeiras do cinema não eram confortáveis e sempre havia pulgas no cinema.

Voltamos para casa para jantar e depois dormir tirando as roupas e meias deixando bem longe da cama devido as pulgas.

Algumas vezes antes de dormir ia com minhas irmãs passear na rua D. Pedro para ver o footing. A feira já estava limpa e as pessoas se dirigiam

para baixo e para cima. As moças iam em grupo, assim como os moços e ficavam “tirando linha”, isto é, olhando um para outro. Daí é que nasciam os namoros e eu as vezes era “convocado” pela minha mãe para “segurar vela”, isto é, não deixar minhas irmãs sozinhas.

Engenheiro Plinio Tomaz

24 de julho de 2015